

## **Mário Sette e o Recife: entre a crônica das saudades e o registro de memórias**

Para o Portal do Bicentenário

Magdalena Almeida<sup>1</sup>

A crônica é um gênero literário onde as questões do cotidiano são o tema principal e se registra por escritos que ajudam a rememorar aspectos históricos que revelam emotividade e afetos, em meio às posturas de quem escreve sobre o tema tratado. Constitui-se registro histórico, auxiliando na retomada de aspectos da vida humana que poderiam ser esquecidos, não fosse o registro que apresenta. Pode ser testemunho ou fonte histórica: retrata um período, através da forma como é escrita, ou pode personificar uma autoria, cujos escritos dizem de alguém ou de um tempo onde a História se destacou por padrões oficiais, com atenção a verdades interessantes a quem as publicava.

Construindo imagens sobre o seu tempo, as crônicas de Mário Sette, como seus romances, são textos que trazem, na subjetividade, elementos como surpresa, crítica ou expectativas de futuro, diante da chamada modernização, contribuindo para trazer às novas gerações um sentir da cidade em que viveu como adulto: o Recife, em Pernambuco. Os escritos de Mário Sette referem-se às novas tecnologias, a benefícios materiais, a novos comportamentos e à imposição de velocidade ao ritmo da vida que se quer moderna, por se pretender civilizada. E são um registro nostálgico de tempos anteriores ou do tempo de vida do escritor, que ora apresenta saudades do que viveu, ora remete a costumes e práticas sociais como um ideal de vida a ser retomado.

A escrita de *Anquinhas e Bernardas*, como exemplo, traz um testemunho sobre a situação da mulher. O nome do livro remete a uma vestimenta íntima feminina: as chamadas anquinhas eram modeladores que, usados sob as saias, armavam a roupa na altura dos quadris, dando-lhe um ar de estufamento. Contrapunha-se às bernardas, palavra usada para tratar sobre revoltas e motins, comumente vinculadas ao universo masculino. Neste título, Mário Sette recorre à generalização, de modo que, num raro momento de distinção do período tratado, ao comentar acerca da condição feminina, refere-se ao início do século XIX. A imprecisão temporal não tira deste livro de crônicas a constatação do surgimento de uma mulher que, durante muito tempo, a título de ser protegida, foi guardada no lar, qualquer que fosse sua idade, protegida de um mundo patriarcal, encastelada, responsabilizada apenas pelos cuidados com a casa e a educação das crias ou, no caso das mais jovens, com a formação para essa tarefa, única que lhe era considerada adequada. Guardada em casa, sem dar vez à autoconfiança, à luta pela sobrevivência ou à vaidade, vestindo timão, uma espécie de camisola larga, que não mostra a forma do corpo e, ao mesmo tempo, diz Mário Sette, acusa um certo desleixo na feminilidade, somente revelada pelos cabelos longos, uma espécie de fetiche para muitos homens e, parece, também para o autor. Moralismo e mexericos sobre namoros escondidos, gravidez antes do

---

<sup>1</sup> Historiadora. Professora aposentada e Membro do Núcleo da Diversidade e Identidades Sociais – NDIS da Universidade de Pernambuco – UPE. Doutora em Educação, atua com História e Patrimônio, nas relações com Formação Cultural. Contato: <magdalena.almeida@upe.br>.

casamento ou adultério indicavam como as mulheres se ocupavam e enalteciam a ação masculina dos homens como conquistadores. A crônica de Mário Sette destaca uma projeção de tratar o feminino como sexo gentil, ao invés de tratá-lo como sexo frágil, pois os exemplos femininos da sua atualidade demonstravam o que chamou ‘varonilidade’. A mulher passava, na sua percepção, a ocupar o espaço reservado aos varões: a família deixou de ser seu único propósito e conquistara novos papéis, relacionados à urbanização e aos novos costumes, que abriam as portas do lar para o mundo, através da mulher.

A ideia de um processo civilizatório que estimula a produção do novo, negando o passado, altera paisagens, interfere nos comportamentos e na ecologia dos espaços urbano ou rural, caracteriza o primeiro quartel do século XX no Brasil, quanto à reforma urbana das principais cidades, que se espelhavam em Londres e Paris, referências de modernidade. Isso gerou alterações urbanas significativas, também para alargamento das ruas, que precisavam de espaço especialmente para circulação da nova grande conquista tecnológica do período: o automóvel. A cidade do Recife não escapou disso: Os Azevedos do Poço, de Mário Sette, é um romance histórico, que mescla crônica e ficção. Retrata a vida de uma família de comerciantes, que tem no bairro do Recife seu estabelecimento e reside no bairro do Poço da Panela. As transformações urbanísticas do antigo bairro comercial, hoje conhecido como Recife Antigo, tornaram obsoleta a atividade comercial da família Azevedo, que pela dificuldade de acesso em função da reforma do bairro para alargamento das ruas, faliu e encarou conflitos, como a perda de poder e influência política, oriundas da decadência e da falta de dinheiro, após um longo período de pujança. Mais uma menção aos infortúnios da modernidade nos registros de Mário Sette.

Mário Sette é recifense nascido em 1886. Viveu até 1950. A modernização com a qual interagiu é reflexo da negação de um passado nacional agrário e colonizado. Fala na primeira pessoa e insere personagens quando muito para ilustrar sua narrativa, sem interagir entre si; escolheu a crônica, com relatos pessoais ou baseados na leitura de obras de documentaristas como Pereira da Costa (Folclore Pernambucano ou Mosaico Pernambucano), ou de velhos periódicos recifenses, como o América ilustrada ou O diabo a quatro, entre outras leituras, muitas delas ‘conhecidas do autor desde menino’, como suas principais referências de escrita. A bibliografia de Mário Sette, nas crônicas ou romances, são quase um álbum de fotografias: dizem dele e de seu tempo. São narrativas descritivas que buscam precisão no relato e se arriscam num permanente refletir sobre as contradições entre o presente e o passado, o atual e moderno, mediante as perdas por ele consideradas memoráveis e irrecuperáveis. Mostram o antigo como um ideal de vida, enquanto o novo é agressivo e excludente. São saudades. São memórias que contribuem para pensar e refletir sobre o passado.

Muitas foram as temáticas discutidas por Mário Sette. As transformações no comportamento da mulher diante da modernização e os processos de urbanização descritos pelo autor, além das

reformas urbanas necessárias para receber novos equipamentos, são aspectos de um tempo em que o Brasil se descobria e constituía como nação; demonstram anseios de um homem, representativos dos conflitos individuais e coletivos que testemunhou, permeadas pela busca de uma identidade nacional brasileira dividida, ante os conflitos entre o antigo e o moderno.